

# HISTÓRIA GERAL DAS RELIGIÕES

Karina Bezerra

## A RELIGIÃO NA PRÉ-HISTÓRIA

É preciso, antes de tratarmos sobre o tema, saber sobre o período descrito. Pré-história designa tudo o que se passou desde o aparecimento do primeiro ser com postura ereta, até o tempo em que surgiu a escrita. O termo foi cunhado com o pré-conceito de que, se não houvesse escrita, não haveria história para contar. No entanto, há muito tempo já não se pensa mais desse modo. O desenvolvimento da arqueologia, paleontologia, antropologia, e várias outras logias, possibilitaram o estudo e compreensão da vida do homem pré-histórico, mesmo que embrenhada em nevoeiros e barrancos. As dificuldades são muito grandes, mas, devemos lembrar que, mesmo os textos escritos, são passíveis de enganos, pois, a versão de quem escreve, não é verdade absoluta.

Para melhor compreensão desse longo tempo histórico, dividiu-se ele em período *Paleolítico* e *Neolítico*. O primeiro se inicia com o surgimento dos homínídeos por volta de 4 a 2 milhões de anos até, 10.000 a.c, data em que o gelo das extremidades do globo derreteu, mudando o clima do planeta. O segundo, se conta dessa mudança climática até a produção da escrita, por volta de 4.000 a.c.

Outro ponto a esclarecer é que a cronologia adotada, ou seja, a utilizada pelos acadêmicos, é baseada nos primeiros eventos ocorridos no globo. Por exemplo, quando dizemos que a pré-história acaba com a utilização da escrita, automaticamente, declaramos que alguns indígenas brasileiros até pouco tempo viviam na pré-história. Mas, isso não denota inferioridade em relação a nossos indígenas. É importante compreender, que cada grupo humano em seu território geográfico, se desenvolveu do seu modo, de acordo com suas necessidades. Um grupo não é superior ao outro por possuir mais tecnologia. A condição climática, geográfica, hidrográfica, entre outros, do território habitado, é que conduz as atividades humanas. A terra do Brasil oferecia ao índio, uma rica diversidade natural, dando-o privilégio de uma vida farta, sem maiores complicações.

O indicio mais antigo de prática relacionada à religião do homem e mulher pré-histórico, é o *sepultamento*. Que esta intimamente ligada, as fontes mais antigas e numerosas da pré-história, que são as *ossadas*. A prática da inumação revela uma preocupação com a vida após a morte. Isso é mais ressaltado ainda, nos detalhes de preparação e adereços encontrados em inúmeras sepulturas. Por exemplo, o ocre vermelho salpicado em cadáveres, é universalmente encontrado, podendo ser substituto ritual do sangue, símbolo da vida. A posição que o corpo é encontrado, também é coberta de significado. Ele é virado para o leste, marcando a intenção de tornar o destino da alma solidário com o curso do Sol, portanto a esperança de um renascimento. E também é posto em forma fetal, tendo a terra, no caso a cova, o simbolismo do útero.

Oferendas de alimentos e diversos objetos de adorno como colares, são encontrados depositados em túmulos. Encontraram também, cuidadosamente dispostas em torno e sobre os cadáveres, conchas de moluscos. Essas conchas possuem a forma de vagina, parecendo estar associadas a algum tipo primitivo de adoração da deidade feminina.

As formas mais numerosas, evidentes e explícitas de culto religioso feito pelo homem e mulher do *Paleolítico* até o momento é datado por volta de 35.000 ac. Foram elas, as grutas/santuários com suas pinturas e as inúmeras estatuetas femininas. Como as pinturas se encontram muito longe da entrada da gruta, sendo muito delas inabitáveis, com dificuldades de acesso, os pesquisadores concluíram que elas são uma espécie de santuário. As pinturas revelam ainda mais o caráter sagrado e ritualístico do lugar. Duas temáticas decifradas e discutidas por pesquisadores são a de danças rituais e seções xamânicas. As estatuetas femininas representam o “culto da fertilidade” praticado por esses humanos. Esculpidas em pedra, osso ou marfim, possuem nádegas, seios e barrigas volumosas, além de terem a vulva sempre à mostra. Representam a “Grande Mãe” a “Deusa”. André Leroi-Gourhan constata que a arte desse período expressa alguma forma incipiente de religião, na qual figuras e símbolos femininos ocupam posição central. Esse pensamento vai ser corroborado quando das descobertas referentes ao período *Neolítico*.

As geleiras recuaram, o clima do planeta esquentou, e sua paisagem mudou. Fauna e flora modificadas aconteceu a maior revolução da história do homem. Ocorreu a domesticação das plantas, ou seja, a invenção da agricultura, a domesticação de animais e o sedentarismo. Mas, a criatividade religiosa no neolítico foi despertada menos pelo fenômeno empírico da agricultura, do que pelo mistério do nascimento, da

morte e do renascimento identificado no ritmo da vegetação. As crises que põem a colheita em perigo (inundações, secas etc.) serão traduzidas, para serem compreendidas, aceitas e dominadas, em dramas mitológicos. A mulher teve um papel decisivo para a domesticação das plantas, ela que conhecia o “mistério” da criação. Fértil e fecunda como a terra, foi responsável pela abundância das colheitas.

Em todos os sítios arqueológicos do neolítico encontramos a religião centrada no culto à Deusa. Por exemplo, em Catal Huyuk,

A principal divindade é a deusa, apresentada sob três aspectos: mulher jovem, mãe dando à luz um filho (ou um touro), e velha (acompanhadas as vezes de uma ave de rapina). A divindade masculina aparece sob a forma de uma rapaz adolescente – o filho ou o amante da deusa – e de um adulto barbudo, ocasionalmente montado sobre um animal sagrado, o touro. (ELIADE, 2010, p.55).

### *A longa viagem...*

Os grupos humanos empreitaram longas viagens em busca de sobreviverem as intempéries da jornada da vida, que naquele tempo eram muito mais cheias de mistérios a desbravar. O frio da Era do gelo, somados a escassez de alimento e o perigo constante da morte, tornava a vida recheada de desafios a vencer. É assim que aos poucos nossos antepassados vão criando a cultura.

Melhor dizendo, eles vão criando as culturas, pois, em suas grandes caminhadas, cada grupo vai se instalando em um território, ou dá continuidade ao trajeto, em busca de um abrigo melhor. Quando um grupo se sedentariza em determinada região, ele começa a criar raízes com esse lugar. Cria uma interação tão grande, que até sua aparência física começa a se adaptar a terra. Por exemplo, seus olhos e peles se tornam claros, se o sol for fraco, e seu corpo não precisa mais produzir melanina para se proteger. O grupo que aos poucos desenvolveu sua linguagem para se comunicar, começa a ensinar as crianças como eles compreendem a vida. E essa compreensão vai variar, de grupo para grupo, ou seja, de povo para povo. Uma aldeia na África, no deserto do Saara, não vai entender o mundo do mesmo jeito que os esquimós, no gelo da Sibéria. São paisagens muito diferentes, portanto, seus mitos, seus deuses, suas leis, suas noções de certo e errado, serão também muito diferentes. Ou seja, suas culturas/religiões serão muito diferentes. E nenhuma é melhor ou pior do que a outra, elas são apenas diferentes.

É desse modo, que desejamos, que vocês leitores compreendam as religiões. Cada qual produto do seu meio, com suas diversas verdades, que atendem seus diversos fieis. O modo que julgamos melhor apresentá-las, foi dividi-las por seus respectivos continentes de origem. Assim, escapamos incorrer em classificações inadequadas.

## ÁFRICA

### 1. AS RELIGIÕES DOS AFRICANOS

A África é o continente onde se originou o *homo sapiens*. Portanto, a história da humanidade se inicia lá. Ao contrário do que se pensa, na África antes da chegada dos europeus, não só havia povos organizados em tribos. Houve além do Egito, diversos reinos e impérios bastante desenvolvidos, em vários aspectos, tais como, tecnológicos, econômicos, educacionais, culturais, e religiosos. Foram alguns deles, no Sudão ocidental, os reinos de Mali e Gao; no Sudão central, os estados Hausa e Kanem-Bornu; no golfo de Guiné, os reinos Yoruba e Benin; na África central, o reino do Congo; na costa oriental da África, várias cidades-estado; e mais tarde, no Zimbábue, o reino Monomotapa, que haveria de acolher a população do Grande Zimbábue. Esses reinos tinham suas próprias religiões. Assim, quando o comércio de escravos foi travado entre portugueses no Brasil, e chefes africanos, diversas religiões africanas foram introduzidas em terras brasileiras, e ganharam ao decorrer dos séculos, a identidade afro brasileira.

Na ÁFRICA OCIDENTAL se encontra a religião africana que predominou no Brasil, a *religião dos iorubas*. É uma religião iniciática, e possui no centro cosmológico: Onila, Grande Deusa Mãe do *ile*, que é o “mundo” elementar no estado caótico, antes de organizar-se. O *ile* opõe-se, por um lado, ao *orum*, que é o céu enquanto princípio organizado, e, por outro, ao *aiyé*, o mundo habitado, proveniente da intervenção do *orum* no *ile*. Enquanto todos conhecem os aspectos assumidos pelos habitantes do *orum*, os orixás, e o *deus otiosus* Olorum, que não é cultuado, a presença do *ile* na vida dos iorubas é carregada do inquietante mistério da ambivalência feminina.

Na morte, as componentes do ser humano retornam para os *orixás* que as redistribuem através dos recém-nascidos. Há, porém, componentes imortais, pois os espíritos podem voltar para a terra e tomar posse de um dançarino Egungum.

A **ÁFRICA ORIENTAL** comporta 100 milhões de habitantes pertencentes aos quatro grandes grupos lingüísticos de toda a África. Mas a maioria das pessoas fala línguas bantos. As características comuns das religiões dos povos bantos são o caráter de *deus otiosus* do criador, as divindades ativas são os heróis e os ancestrais, consultados em seus santuários por médiuns em estado de transe. Os espíritos dos mortos também podem possuir os médiuns e recebem oferendas periódicas.

Todos os povos da África Oriental conhecem a iniciação pubertária e a maioria dos povos bantos pratica a circuncisão e a clitoridectomia ou a labiectomia.

Na **ÁFRICA CENTRAL**, vivem cerca de dez milhões de bantos, e os pigmeus da floresta tropical formam três grupos principais. Um deles são os mbutis, eles acreditam que deus é o habitat, a mata. Não possuem sacerdote e não praticam adivinhação e tem ritos de passagem para os rapazes e moças.

Na **ÁFRICA DO SUL**, também emigraram vários grupos bantos. Na mitologia karanga, a realeza sagrada realizava o equilíbrio dos contrários: o calor e a umidade, simbolizados pelas princesas de vagina úmida e pelas princesas de vagina seca. As primeiras deviam copular com a grande serpente aquática, às vezes chamada de serpente Arco-Íris, que é um ser sobrenatural presente entre muitos povos da África Ocidental e Meridional. As princesas de vagina seca eram as vestais que alimentavam o fogo ritual. Em tempos de seca, sacrificava-se uma princesa de vagina úmida para obter-se chuva.

Hoje, o continente africano abriga numerosos povos que falam mais de 800 línguas (das quais 730 estão classificadas). E as fronteiras religiosas não acompanham o contorno das fronteiras lingüísticas. Pois, hoje em dia basicamente “três religiões” dominam a África moderna. As religiões autóctones, o cristianismo e o islamismo.

## 2. A RELIGIÃO DOS EGÍPCIOS

Os egípcios são um povo bastante explorado na mídia. Sua cultura é alvo de uma grande comercialização. No entanto, poucos se interessam em saber sobre o que eles pensavam e sentiam sobre a vida, além dos produtos materiais que criaram.

Todos os segmentos sociais praticavam a religião egípcia, no entanto, cada cidade prestava atenção maior aos seus “próprios” deuses. Geralmente, cada templo das

grandes cidades, sedes do poder, criava sua própria cosmogonia com o deus local no ápice da hierarquia. Então, aqui, também encontramos mais de um mito sobre a criação. Um dos mais importantes e antigos conta que, no princípio era Nu, o oceano celestial com sua característica de imobilidade e totalmente estático. Do seu interior surgiu Atum, que criou Shu (ar) Tefnut (umidade), esse casal produz Geb (terra) e Nut (céu). Por sua vez, os últimos dão origem a Osíris e Ísis e a Set e Néftis. Segue este mito o de Osíris, na qual o mesmo reinava de modo justo, com sua irmã-esposa sobre o Egito. Seu irmão Set enciumado o matou, mas Ísis logo fez uma múmia do seu marido, e com seus poderes mágicos, devolveu a vida a Osíris. Com o qual teve um filho, Hórus. Este se tornou rei do Egito, e os faraós o sucederam. Osíris tornou-se rei dos mortos, todos que morrem passam pelo seu tribunal.

Esse povo era obcecado pela vida eterna e pela perpetuação da alma. As tumbas são mais importantes que as casas mais suntuosas e é impensável economizar em detrimento dos sacerdotes funerários. É perceptível isso nas tão conhecidas pirâmides que eram os túmulos dos faraós. Quanto mais rico fosse o egípcio mais complexo seria o funeral.

Os sacerdotes e sacerdotisas realizavam diariamente cultos nos diversos templos espalhados pelo Egito. Preparavam as oferendas, em boa parte alimentos, como também flores e incenso, e entoavam cânticos. Encantamentos são encontrados para diversas finalidades, como amor e saúde, mas, também utilizavam nos ritos funerários.

## AMÉRICA

### 1. AS RELIGIÕES DOS INDÍGENAS BRASILEIROS

A História dos povos indígenas brasileiros ainda é pouco estudada e debatida. No consenso popular, apenas se imagina os índios deitados em redes, caçando e morando em ocas. Poucos conhecem a rica Arte indígena, que em grande parte tem motivos religiosos. Poucos sabem que apenas em um Parque do Piauí, existem 737 sítios arqueológicos identificados. Onde são encontradas urnas funerárias e pinturas de rituais de caça. Ainda, inscrições rupestres como as da Pedra Lavrada no Ingá na

Paraíba, contem representações de diversos astros. Indicando a riqueza cultural e religiosa dos indígenas brasileiros.

No tempo do descobrimento estima-se que existiam mais de mil povos, reduzidos hoje a cerca de 200 povos diferentes, com 170 línguas. Desse modo, salientamos que não encontramos uma religião indígena, e sim várias religiões indígenas.

Nessas religiões indígenas, uma figura destacada e de traços comuns é o pajé. Ele pode chegar a ser um emblema da tribo. O Pajé voa aos céus, desce as profundezas subterrâneas, transforma-se em animais, se expressa em línguas incompreensíveis, vê almas de mortos, causam e curam doenças e males, entre outros.

Delineado esse traço comum das religiões indígenas, agora devemos compreender que religião e vida social, nesses povos não têm distinção, pois

Para os índios são os mitos que contêm a verdadeira história do mundo. Os mitos não são fantasia ou ficção, e sim a explicação do universo: a origem do cosmos, da humanidade, da sexualidade, dos astros, da caça, da agricultura, das mulheres, da arte e da música, de tudo que é possível conceber. Cerimônias, festas, rezas, cantos, proibições, regras de comportamento – tudo aquilo que faz parte do que costumamos chamar de religião – têm como chão um corpo mítico, inerente ao cotidiano, sem nítida distinção entre o sagrado e o profano, familiar para todos, embora os pajés detenham um conhecimento mais profundo e a prerrogativa das viagens místicas. (MINDLIN, 2009, p.203).

Em termos de criação, entre diversos mitos indígenas os criadores do universo costumam ser um par de companheiros ou irmãos, identificados freqüentemente com a lua e o sol. Como também têm uma Criadora de Tudo. Ainda, se Tupã era, para muitos grupos, a suprema divindade, outros adoravam um estranho taumaturgo de singulares poderes, conhecido de norte a sul, conforme a região, pelos nomes de Sumé, Tumé ou Zumé e que geralmente, era descrito como um homem de pele clara e longas barbas, que a exemplo dos deuses mexicanos Kukulcan e Quetzalcoatl e, ainda, do deus peruano Viracocha, partiu um dia, prometendo que voltaria para restaurar o primado da razão e da não violência.

O caminho para o mundo dos mortos geralmente é descrito como tortuoso e cheio de monstros. E no mundo dos vivos, estes convivem com seres fantasmagóricos, que podem ser enganados.

As religiões dos indígenas são ricas em Ritos de Passagens. Infelizmente hoje em dia, o trabalho proselitista de missionários evangélicos e católicos, tem destruído suas religiões, e em muitas tribos seus ritos estão sendo esquecidos, quando não sincretizados. Por isso precisa-se o quanto antes de mais e mais pesquisas sobre essas tão belas e importantes religiões, que fazem parte de nossa história.

## 2. A RELIGIÃO DOS MAIAS

A civilização Maia não foi um estado centralizado, mais um aglomerado de cidades-estados, das quais algumas ganharam mais notoriedade, como por exemplo, Chichén Itzá. Um dos principais elementos da religião maia eram o sacrifício humano e animal. Acreditava-se que o sangue era primordial para o funcionamento do universo. Inclusive os reis realizam o auto-sacrifício, na qual era retirado sangue de várias partes de seu corpo. Os maias possuíram uma escrita hieroglífica, um calendário complexo, e grandes pirâmides. Tinham uma concepção de tempo cíclico e deram bastante importância aos augúrios e às profecias.

Os dois deuses maias principais eram um par cósmico, do qual todas as outras divindades descenderam. O mais importante deus masculino era Itzamná, representado na arte como um homem velho e descrito como a divindade da escrita e do aprendizado. Sua consorte era Ix Chel, no período maia clássico, ela foi associada a lua, representada como uma mulher velha tendo cobras no lugar dos cabelos e adepta da feitiçaria. Já no final da época pós-clássica ela foi associada a medicina, e responsável pela gravidez e pelos partos. Além desses, existem diversas outras divindades maias.

## 3. A RELIGIÃO DOS ASTECAS

Os astecas eram um povo dominado, até que guiados pelo guerreiro cósmico Huitzilopochtli à procura da Terra Prometida, alojaram-se por volta de 1325 d.C, no lago Texcoco no vale do México, onde fundaram a cidade de Tenochtitlán, e formaram um grandioso império.

Assim como os maias, os astecas também tinham uma cosmologia e calendário bastante elaborados<sup>1</sup>. E acreditavam que os sacrifícios humanos eram necessários para que o Sol mantivesse seu curso e a Quinta Idade do Sol perdurasse. De acordo com seus cálculos, a quinta era, terminará em 2027.

No princípio do cosmos havia Ometeotl. De modo mesoamericano ele tinha um aspecto feminino e masculino. Dele nasceram os deuses principais, Huitzilopochtli, Quetzalcoatl e Tezcatlipoca. A Deusa principal é Coatlicue, chamada pelos frades cristãos de “mãe dos deuses, coração da terra”, segundo um dos mitos de origem dos astecas ela é mãe de Huitzilopochtli.

#### 4. A RELIGIÃO DO INCAS

O império inca foi a última civilização pré-colombiana, destruída em seu apogeu pelos conquistadores espanhóis, em 1532. A fundação do império dos incas, se dá por volta de 1200 d.c. No entanto, sua expansão espetacular só se dá a partir do oitavo imperador, no início do século XV.

Adaptando fés antigas e inventando algumas novas, os incas criaram uma religião apropriada para o império. Estabeleceu-se que a terra era viva e fundida com a espiritualidade, animada pelos ancestrais. A fusão da geografia física e sagrada é evidente em Machu Pichu. No centro da cidade, o pilar entalhado em pedra conhecido como Intihuatana ou “Lugar do Sol” pode ter tido fins astronômicos, ou com o culto à montanha, pois está localizado em ponto onde os picos sagrados estão alinhados com os pontos cardeais.

Possuíam um panteão de deuses. A divindade suprema era Viracocha. Inti, o deus Sol, era a principal divindade e o ancestral divino da realeza inca. Sua esposa irmã era a deusa lua Mama Kilya. Esse incesto justifica o casamento entre irmãos praticado pelo imperador. Sacrifícios de animais e vegetais eram comuns nos ritos religiosos. Entretanto, em ocasiões especiais eram feitos o *capac hucha*, ou seja, sacrifícios de crianças. E algumas *acllas*, ou “Virgens do Sol” - que eram as mais belas jovens incas

---

<sup>1</sup> O calendário asteca ou Pedra do Sol, é exibido atualmente no Museu de Antropologia, na Cidade do México. Ele pesa 24 toneladas.

que serviam no culto de Inti e cuidavam das múmias reais bem como da família real atual – eram sacrificadas no fogo.

## OCEANIA

### 1. A RELIGIÃO DOS POVOS OCEÂNICOS

As ilhas do Oceano Pacífico foram tradicionalmente agrupadas em três áreas: Micronésia, Melanésia e Polinésia. O mais famoso pesquisador das religiões dessa área foi o inglês etnólogo funcionalista Bronislaw Malinowski. Este concentrou mais seu trabalho na Ilha de Trobiand. Uma das mais famosas ilhas, é a ilha de Páscoa, com suas monumentais estátuas de pedra, e sua escrita chamada Rongorongo.

Dois conceitos muito conhecidos das religiões oceânicas são o de *mana* e *tabu*. *Mana* é uma espécie de propriedade conferida pelos deuses a pessoas, lugares e coisas. Na sociedade está associado à posição social e a realizações espetaculares. *Tabu* está estreitamente vinculado a *mana* e significa influência divina, sobretudo em seus efeitos negativos, que tornam certos lugares, certas pessoas e certos objetos inabordáveis ou perigosos.

A unidade religiosa oceânica é apenas aproximativa, mas a idéia de que a maioria dos deuses são ancestrais que habitam outro mundo e visitam freqüentemente os vivos é muito difundida na região. O deus celeste criador é inacessível, mas suas façanhas são contadas pelos mitos. A multidão de deuses tem influência decisiva sobre os assuntos humanos. Sua vontade pode ser conhecida pela adivinhação, que exige conhecimentos especiais, ou pela possessão de espíritos. A morte é seguida de cerimônias especiais longuíssimas.

### 2. A RELIGIÃO DOS AUSTRALIANOS

Vivem hoje ainda, na Austrália, seus habitantes primitivos, os chamados aborígenes (do latim, ab origine: “desde o início”). Hoje eles são cerca de 230 mil, a maioria nas cidades, mas muitos também em reservas.

O aborígine aprende a história sagrada de seu mundo durante iniciações e cultos secretos iniciáticos. Existem tribos que acreditam em um Grande Pai - chamado também de Eterna Juventude. Ele tem pés de ema, e possui mulher e filho – de acordo com certas tribos, possui várias mulheres e vários filhos. E tanto ele como todos os outros primitivos habitantes do céu ficam indiferentes com relação ao que acontece na terra. No entanto, os poderes e forças que formaram a terra, vieram do chão, foram os grandes espíritos dos ancestrais primitivos, sob a forma de homens ou animais. Sol, lua e estrelas também foram criados por eles e, de matéria pré-formada, também os homens, as tribos, os clãs, e ainda os animais. Até que ficando cansados, retornaram à terra. Alguns afundaram nas águas, outros foram levados para o céu.

Sobre a morte, está é vista como o resultado de malefícios. O ritual fúnebre comporta a punição do assassino presuntivo.

## ÁSIA

### 1. AS RELIGIÕES DOS SIBERIANOS

O uso do termo siberiano é genérico, pois congrega povos que vivem na vasta região da Ásia Central e da Sibéria, entre os montes Urais e o Estreito de Behring. São grupos da etnia amarela sendo os mais conhecidos os mongóis e esquimós. Como são diversos grupos, que inclusive sofreram influências de outros povos residentes no sul, tais quais, chineses, hindus e persas, nossa abordagem da religião dos siberianos, será tão generalizante, quanto convém.

Encontramos a crença na existência de um ser supremo, nem sempre cultuado, e de espíritos intermediários, assim como, em deuses celestes, em um “senhor das matas”, nas forças da natureza, na deusa da terra, ou na deusa do mar.

Não existem sacerdotes, nem templos, a experiência religiosa é mística. Dessa forma, ganha um destaque entre eles a figura do xamã. Aquele que domina a técnica do êxtase, e com carisma atende sua comunidade curando e aconselhando. Possuem mitologia, e alguns ritos mais comuns são: os ritos de caça, sacrifícios de animais, culto do fogo, e ritos agrários.

O principal intuito de vida é viver o mais longamente possível, evitando doenças e incômodos fatais.

## 2. AS RELIGIÕES DA ANTIGA MESOPOTÂMIA

A palavra “Mesopotâmia” é de origem grega, significa “entre rios”. Pois é localizada onde hoje é o Iraque, portanto cortada pelos importantes rios Tigre e Eufrates. Três regiões compunham a Mesopotâmia. Ao norte, a Assíria, ao centro a Acádia, e ao sul a Suméria.

Fazia parte do cotidiano dos sumérios 3.600 deuses, devidamente registrados por eles. Esse povo desenvolveu os primeiros documentos escritos, foi uma civilização literária, com um complexo sistema de governo, e hierarquia religiosa, administrativa e social. O mito da criação diz que, a Deusa Nammu – mar primordial- gera o primeiro casal An (o céu) e Ki (a terra), dessa união nasce En-li (deus da atmosfera), que separa seus pais. Seus textos também evocam o mito da perfeição e bem-aventurança dos “primeiros tempos” e o mito do dilúvio. A mais popular das divindades era Inanna. Aparecendo em diversos mitos, ela era o planeta Vênus e seus domínios a fertilidade, o amor e a guerra. Outro deus importante além de An e En-li, é Tamuz deus da fertilidade.

A adivinhação era bastante recorrente, inclusive antes de campanhas militares. Era feita pelo exame de víscera de animais, observações astronômicas, ou por interpretações de sonhos. A doença era relacionada a pecados ou à possessão demoníaca. Era curada por encantadores, que ao mesmo tempo eram médicos que também prescreviam remédios.

O rei era o reflexo de Deus, mas não o próprio. No entanto, na festa de Ano Novo, era realizado o rito do matrimônio sagrado, onde o rei desposava a Deusa Inanna, para garantir a prosperidade do país no ano seguinte. O foco da religião Suméria era o templo, arquitetura monumental, residência dos deuses. Em sua consagração, todos se tornavam iguais perante a divindade e a lei. A adoração pública era realizada fora do templo, no grande pátio.

Após a supremacia dos acadianos sobre as cidades sumérias, houve uma simbiose sumério-acadiana. Inanna se tornou Istar, e Marduk deus da cidade da babilônia se torna supremo. Mais tarde, o deus Epônimo da Assíria suplanta Marduk.

### 3. A RELIGIÃO DOS CANANEUS

Escavações realizadas em 1929, trouxeram de volta à luz a antiga cidade de Ugarit, representante da civilização cananéia no fim da Idade do Bronze (1365-1175 a.C). O culto cananeu concentrava-se em dois casais divinos: El e Asherat, soberanos do outro mundo e Baal e Anat, soberanos deste mundo. O primeiro casal foi o primordial, El, que significa “deus” era o chefe do panteão, o “poderoso”, “pai dos deuses e homens”. Até que foi se tornando um deus *otiosus*. Pois, um deus mais “especializado” Baal promoveu-se a categoria suprema. Baal significa “Senhor”, ele é fonte e principio de fertilidade, mas também guerreiro, tal como sua irmã e esposa Anat é, ao mesmo tempo, deusa do amor e da guerra. Um dos mitos de combate pelo trono entre Baal e Yamm, um monstro marinho, lembra evidentemente, a derrota do monstro marinho Tiamat, vencido pelo deus mesopotâmico Marduk, segundo a quarta tábuca da Gênese babilônica, *Enuma Elish*, assim como a vitória de Javé sobre o mar em certos Salmos e em Jó 26, 12-13.

### 4. A RELIGIÃO DA ANTIGA CHINA

A cultura chinesa original foi marcada pelo xamanismo, em cujo centro se encontrava a veneração dos ancestrais e os ritos. A arte divinatória era feita pelo uso de ossos de tartarugas ou omoplatas de gado. Esses ossos eram expostos ao fogo e aquecidos, até surgirem fraturas e riscos, que então eram interpretados. A leitura dos oráculos, assim como da astrologia era feita pelo rei (*wang*), soberano político e chefe militar, muitas vezes atuava também como supremo xamã e sacerdote. No entanto, não reivindicava uma natureza divina, era um mediador. Normalmente o ritual era realizado na corte, muitas vezes associado a sacrifícios de animais. Envolveria também música, dança, transe e muito vinho.

A mitologia chinesa foi preservada de uma forma fragmentária. Os mitos mais antigos, envolvendo a criação, por exemplo, foram encontrados depois da criação do confucionismo. Shandi (上帝) é considerado a divindade suprema, ser distante e transcendente. E Nu Kua (女媧) é a deusa que criou a humanidade, seu companheiro — irmão e marido — era Fu Xi (伏羲). Estes dois seres às vezes são adorados como os

primeiros antepassados dos seres humanos. Eles são muitas vezes representados como criaturas metade-serpente, metade-humana.

#### 4.1 TAOÍSMO

Por volta de 600-500 a.C, Lao-Tzu, escreveu um livrinho chamado Tao Tê Ching, ou Livro da Lei do Universo e Sua Virtude. Tao significa caminho, mas também o Ser supremo ao qual o caminho conduz. O Tao é uma força mística, impessoal e imanente que dá a vida e a harmonia. É um caminho de observação da natureza, de seus ritmos e fluxos. O taoísmo implica passividade, simplicidade, intervenção mínima na natureza, e a busca pela longevidade, através de estudo, da ação correta, da dieta e exercícios.

Posteriormente esse caminho foi fundido com antigos rituais folclóricos e crenças chinesas, chegando a ser em 444 da era cristã religião oficial. O taoísmo tem seus próprios deuses, templos, sacerdotes e monges. Rituais complexos, como procissões, oferendas, e cerimônias de honra dos vivos e dos mortos.

#### 4.2 CONFUCIONISMO

Confúcio ou Kung-fu-Tzu (551 a.C. – 479 a.C) foi uma espécie de filósofo e educador, que ensinou um código social de comportamento rígido e completo, baseado nos costumes, que buscava manter a harmonia na sociedade. A virtude era dever de todos, e em especial dos governantes. Ele ensinou a “regra de prata” do “não faça aos outros o que você não quer que façam a você”. Confúcio não especulou sobre a metafísica, mas considerou o ritual importante, sendo um meio de codificar valores.

### 5. RELIGIÃO DO JAPÃO/XINTOISMO

O xintoísmo é a religião autóctone do Japão, um sistema de crenças muito antigo, sem fundador, ou livro sagrado. É o caminho do kami (deuses). O kami é a natureza, o sol, a lua, os animais, as plantas etc. E pode ser também, um ser humano iluminado que se tornou imortal. Existe a lenda que diz que a linhagem imperial do Japão originou-se de Amaterasu, a deusa do sol. Existem diversos santuários, onde as

pessoas buscam pelas bênçãos dos kami, e realizam os festivais de Ano-Novo, primavera/plantio e outono/colheita do arroz

## 6. A RELIGIÃO DA ANTIGA INDIA

Por volta de 2.500 a.C, uma civilização se estendeu muito além do vale do Indo. Era uma civilização urbana razoavelmente adiantada, ao mesmo tempo mercantil e “teocrática”. Foram escavadas duas cidades, provavelmente as capitais do “império” da civilização harapiana. Sua tecnologia é considerada como igual à do Egito e Mesopotâmia, mas carece de imaginação. O que indica que os Harapa não se concentravam nas coisas desse mundo.

Eles faziam culto a uma deusa-mãe, e a um grande deus, esse parece ser um protótipo de Xiva - uma figura itifálica sentada numa postura “iogue” e rodeada de animais ferozes. Dedicavam sacrifícios também a diferentes espíritos de árvores. Nas escavações também encontraram o “Grande Bath” que lembra as “piscinas” dos templos hindus de nossos dias. Por volta de 1700 a.C, essa civilização entrou em decadência e deram lugar as investidas dos povos indo-europeus.

### 6.1 HINDUISMO

Os povos indo-europeus fizeram um amalgama da sua cultura com a dos autóctones, assim gerando a civilização védica. Está é assim denominada porque foi nesta época que os Vedas – conjunto de textos religiosos - foram compilados. A religião védica é precursora do hinduísmo moderno.

O hinduísmo é tão multifacetado, que seria mais cabível falarmos de hinduísmos. A diversidade de práticas é reflexo da variedade de tradições étnicas, que enriquecem a religião. Mas, além do elemento territorial e familiar que congrega está religião, a aceitação das escrituras védicas é imprescindível para denominar-se hinduísta. No entanto, como boa parte da população indiana é analfabeta, o que mais importa são os inúmeros ritos religiosos. Essa constatação também é evidente, na persistência popular pelas figuras divinas vivas e concretas, quando as especulações nos escritos filosóficos dos Upanixades (escritos por volta de 600 a.C, marca o fim dos Vedas) mostravam que o homem precisava romper a superfície visível das coisas e

olhar para dentro de si mesmo. Os Upanixades também introduzem a noção de Atmã, alma, e Brahman, a força que permeia todo universo, uma divindade impessoal.

Alguns princípios que unem os hinduístas são, a pertença ao sistema de castas, a adoração a vaca, e a crença no carma e na reencarnação. As principais divindades adoradas são o deus Vishnu e seu avatar Krishna, e o deus Shiva. Além de inúmeras deusas, ganhando destaque a deusa Kali.

Por volta de 550 a.C, seguindo a linha filosófica dos Upanixades, surgem dois reformadores radicais na Índia. Sidartha Gautama, que cria o BUDISMO e Mahavira, que cria o JAINISMO. Bem posteriormente, em 1499, na região da Índia, hoje denominada Paquistão, um Guru chamado Nanak, cria o SIQUISMO. Que é uma tentativa de conciliar o hinduísmo e o islamismo.

## 7. A RELIGIÃO DOS PERSAS/ZOROATRISMO

Indianos e iranianos tiveram um povo ancestral comum os proto-indo-iranianos, que por sua vez, é um ramo da família indo-européia. Quando se separaram desenvolveram línguas diferentes, no entanto, conservaram alguns pontos em comuns, como o domínio da sociedade por uma aristocracia guerreira e pelos sacerdotes, e algumas práticas religiosas. Algumas delas foram o sacrifício de animais, e o uso da bebida alucinógena chamada haoma, além da divisão dos seres divinos em ahuras (senhores) e devas (deuses).

Zoroastro viveu entre 1500 e 1000 a.C, no entanto, as fontes do zoroastrismo foram redigidas apenas a partir do século IV d.C, apesar de ter sido religião oficial do Império Persa (VI-IV a.C), e dos reinos subseqüentes até século VII d.C. Segundo a tradição, ele era sacerdote e aos 30 anos teve uma visão. Suas idéias entraram em conflito com a religião tradicional. Sua doutrina oferecia iniciação e salvação para todos, independente de classe social, contanto que levassem um vida justa e honrada. Combinou monoteísmo e dualismo numa síntese original. Ahura Mazda, o Senhor Supremo, tem dois filhos gêmeos, Spenta Mainyu (espírito benfazejo) e Angra Mainyu (espírito negador) que devem escolher entre a ordem da verdade (asha) e a mentira (drug). O homem tem o livre arbítrio para escolher seu caminho. Existem sete intermediários para o espírito benfazejo, que são os Amesha Spentas (imortais benfazejos) tais como “Bom pensamento”, “Verdade perfeita” etc. Existem também os

devas (aqui considerados demônios) que escolhem o drug. Segundo sua escolha o homem irá para o paraíso, inferno, ou Misvan Gatu (lugar dos misturados). Três dias depois da morte do corpo, o espírito passa por um tribunal, em seguida para um dos três lugares mencionados. No entanto, ainda haverá o julgamento final, e enfim a ressurreição e imortalidade dos corpos dos bons.

Os cultos são realizados sempre na presença de um fogo sagrado (símbolo de pureza), mantido nos Templos do Fogo. Algumas características dos rituais são a purificação da mente e do corpo e a luta contra Angra Mainyu. E a obrigação de cinco orações diárias individuais, iniciada com a limpeza do rosto, mão e pés.

## EUROPA

### AS RELIGIÕES DOS INDO-EUROPEUS

As tribos indo-européias, seminômades de guerreiros patriarcais, vindos da região ao norte do mar Negro, entre os Cárpatos e o Cáucaso, denominados de cultura dos Kurgans. Dispersaram-se para Europa e Ásia de tal modo, que por volta do primeiro milênio a.C, a indo-europeização da Índia, da península itálica, da península balcânica e das regiões cárpato-danubianas, da Europa central, setentrional e ocidental – desde o Vístula até o mar Báltico e o Atlântico -, estava ou concluída, ou consideravelmente adiantada.

Os principais traços das sociedades indo-européias foram o nomadismo pastoril, a estrutura patriarcal de família, e o gosto pela organização militar. Tanto é que as “três funções” dessa sociedade eram a sacerdotal, guerreira, e produtiva. O (deus do) Céu é acima de tudo o pai: cf. o indiano *Dyauspitar*, o grego *Ζεύςπατηρ*, o ilírio *Daipatures*, o latim *Jupiter*, o cita *Zeus-papaios*, o traço-frigio *Zeus-pappos*. A hierofania celeste também é percebida na designação de deuses pelo nome de trovão: germânico *Thôrr*, celta *Taranos*, báltico *Perkûnas*, protoeslavo *Perun* etc. O fogo, provocado pelo relâmpago, era considerado de origem celeste, e tinha seu culto. O deus solar teve culto desde a proto-história, e a mãe terra foi tomada de empréstimo dos povos aos quais eles incorporavam. É bom lembrarmos que nenhuma tradição religiosa se prolonga

indefinidamente sem modificações, produzidas seja por novas criações espirituais, seja por empréstimo, simbiose ou eliminação.

## A RELIGIÃO DOS GREGOS ANTIGOS

### Religião Minoica: Ilha de Creta 2700 -1400 a.C

A civilização cretense caracterizou-se pelos vastos complexos de palácios, por sua arte que celebrava a natureza e por suas duas formas de escrita. Os estudos apontam para uma civilização pacífica, e matrifocal. A maioria dos documentos iconográficos tinha um sentido religioso, e o culto estava centralizado nos mistérios da vida, da morte e renascimento, comportando ritos de iniciação. Assim, a principal divindade era uma Grande Deusa, às vezes acompanhada de seu frágil parceiro masculino, um deus adolescente. Temos aqui uma hierogamia, típico das religiões agrárias e de mistérios. O culto era celebrado nos cumes das montanhas, nas capelas dos palácios ou no recinto dos lares. Também era realizado o culto aos mortos. Por todas as partes as deusas acham-se no centro da atividade religiosa.

Ocorre primeiro a invasão dos povos micênicos (1400-1200 a.C). Estes deixaram escritos em grego arcaico, que revelaram panteões locais com divindades cultuadas posteriormente como, Zeus, Hera, Poseidon, Ártemis, Dionísio. O período seguinte (1200-800 a.C) marca o fim da civilização micênica e a chegada dos povos do norte e leste. Cujas principais fontes de informação são as obras de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*.

Finalmente, temos a religião da Grécia arcaica/clássica/helenística/românica (800 a.C-380 d.C)..

A autonomia das cidades-estados gregas se refletiu em sua religião. Em cada cidade, ou mesmo nos altares domésticos, encontrava-se uma religiosidade grega. Os gregos praticavam um culto politeísta antropomórfico, em que os deuses poderiam se envolver em aventuras fantásticas, tendo, também, a participação de heróis (Hércules, Teseu, Perseu, Édipo). Não havia dogmas, os deuses possuíam tanto virtudes quanto defeitos, o que os assemelhava aos mortais no aspecto de personalidade. Para relatar os feitos dos deuses e dos heróis, os gregos criaram uma rica Mitologia.

A Teogonia de Hesíodo apresenta o nascimento das forças naturais e dos deuses a partir do Caos primordial, da Terra (Gaia), do Tártaro e de Eros (amor), dos antigos

Titãs seguidos pela geração de Cronos (tempo), que castra o pai Uranos (céu), e pela de Zeus, que vence o pai Cronos, e o exila em algum lugar da terra.

Acreditavam que dos rituais dependessem a sorte dos humanos. Tudo girava em torno do altar de sacrifícios. Existiam altares sem edifício, mas nunca o contrário. A palavra sacrifício significa festa religiosa. Uma das principais festas era os jogos olímpicos, que teve início em 776 a.C, ou seja, no início do período arcaico. A origem do teatro também foi de cunho religioso, com representações da saga de Dionísio, deus do vinho. Além dos grandes santuários como os de Delfos, Olímpia e Epidauro, havia os oráculos que também recebiam grandes multidões, pois lá se acreditava receber mensagens diretamente dos deuses.

## A RELIGIÃO DOS GERMANOS

Entende-se por germânicos, grupos de populações localizadas entre a Escandinávia Meridional, a Jutlândia, a costa meridional do Báltico e a Europa Central, entre o Reno, os Alpes e a Vístula.

Possuíam uma espécie de “especialistas do sagrado” que influenciavam a ordem social, e a quem competia a prática da adivinhação. Havia um culto comum às diversas tribos, dedicado à deusa Nerthus. Os templos eram espaços e áreas sagradas, como o bosque sagrado, sede da deusa Nerthus. Escritos que falam do transporte dessa deusa em um carro guardado no bosque, indica a existência de imagens, no entanto, estatuas são raríssimas. Praticavam sacrifício animal e humano.

O panteão germânico é repartido entre dois grupos divinos: os Ases e os Vanes. Os principais entre os Ases são, Odin/Wodan, Thor e Thyr. Entre os Vanes destacam-se Njordhr/Nerthus, Freyr e Freya. Os dois grupos guerreiam, e quando da reconciliação definitiva, as principais divindades Vanes, instalam-se entre os Ases. Existem também as Valquírias, senhoras guerreiras do cortejo dos deuses, e toda uma multidão de espíritos ocultos e furtivos, os Elfos, os Silfos, e os Pigmeus.

A mitologia germânica é cíclica, existe uma cosmogonia que é seguida de uma escatologia. Do gelo e do fogo nascem dois seres: o gigante Ymir e a vaca Audumla, que amamenta o primeiro e cria um homem, Buri, que desposa a filha de um gigante, que tem três filhos: Odin, Vili, e Vé. Esta trindade mata o gigante Ymir e, de seu corpo, eles criam nove mundos. No fim do mundo, Ragnarok, a terra afundará no oceano. Será

o fim de um ciclo e o começo de outro: a grande árvore Yggdrasill abrir-se-á e de dentro dela surgirão um homem, Lif e uma mulher, Lifthrasir, que repovoarão a Terra.

## A RELIGIÃO DOS CELTAS

Grande parte da população da Europa ocidental, antes da conquista romana, pertencia às etnias celtas. No entanto, o lugar que preservou por mais tempo a cultura Celta, foi a Irlanda.

O panteão Celta possui as deusas da fertilidade, ou mãe dos deuses, as *matronae*, com grande difusão de culto, sendo chamada de Danu, na Irlanda e Dôn na região das Gálias, por exemplo. Tem o deus Cernunnos, identificado como “o senhor das coisas selvagens”. Existem os deuses Teutates, Esus e Taranis, interpretados na ordem como, “o homem da tribo”, *optimus*, e deus do trovão. Um importante deus que atravessa todo universo celta é Lug, “senhor de todas as artes”.

Os celtas possuíam quatro principais celebrações. Estas dividiam o ano em metade escuro e metade clara. O ano se iniciava em Samhain, quando começava a metade escura, na virada de 31 de outubro. Seguia-se Imbolc, em 1º de fevereiro, era uma festa de purificações. Para introduzir a metade clara do ano, celebrava-se Beltane (fogo de Belenus- deus do sol), em 1º de maio. Seguia-se Lughnasad, em 1º de agosto, celebração da colheita.

Existia uma elite sacerdotal intelectual, depositários do saber tradicional, os druidas. A formação dos druidas demorava muito tempo e era mnemônica de longuíssimas seqüências de versos, transmitido oralmente. Eles atuaram na astrologia, cosmologia, teologia, adivinhação, aplicação da justiça, na música (os bardos) e etc. Um dos ensinamentos dos druidas considerava a transmigração das almas de um corpo a outro depois da morte, e a passagem por um tempo na Terra da Juventude.

## A RELIGIÃO DOS ROMANOS

Antes de se tornar o grande império romano, Roma era apenas uma, entre as diversas cidades da península itálica. Indo-europeus de origem, os romanos eram circundados por diversas etnias como os sabinos e etruscos. Logo tiveram enorme

influência da religião etrusca, que por sua vez, entre os séculos VIII e VII, se helenizaram. Roma tomou de empréstimo características de diversas religiões, inclusive fez isso também, por meio da *evocatio*, que consiste no pronunciamento feito na cidade inimiga, para convidar os deuses a abandoná-la e dirigir-se a Roma, onde receberia honra maiores. No entanto, a religião romana só podia ser praticada por um cidadão romano, e tinha suas próprias características.

Para os romanos qualquer anomalia, implicava um retorno ao caos, ou seja, uma crise nas relações entre os deuses e os homens. Dessa forma, eles davam importância apreciável às técnicas divinatórias, e desenvolveram entidades regentes de vários aspectos da vida, e ritos para apaziguá-los. Existia o culto público, subordinado ao estado, e o culto privado ou doméstico, destinado aos antepassados.

A princípio os deuses romanos iniciavam com o deus-padroeiro dos “começos” Jano, seguido da tríade Júpiter, Marte, e Quirino, e no fim, Vesta, protetora da cidade. A influência etrusca mudou a tríade para Júpiter, Juno e Minerva. No século V, Roma assimilou divindades gregas, como Hermes-Mercúrio, Apolo-Febo, Afrodite-Vênus, Ártemis-Diana. E em 205-204 a.C, introduz a primeira divindade asiática Cibele, a Grande Mãe de Pessinonte. Em 186 a.C, o culto de Dionísio, em Roma denominado bacanalias, é descoberto e perseguido pelo estado, pois, representa um perigo à ordem, visto que ele escapa ao controle do estado.

## AS RELIGIÕES HOJE

No decorrer dos anos do desenvolvimento das religiões, elas foram sendo influenciadas por religiões dos diversos povos em que entravam em contato. Assim como, começaram a migrar para fora de seu país de origem, chegando até continentes diferentes e distantes. Com o desenvolvimento dos transportes e posteriormente dos meios de comunicação, o sincretismo e práticas de religiões estrangeiras se tornaram mais intenso e comum.

Hoje no século XXI, a dinâmica do sincretismo e da importação e exportação de religiões ainda é muito forte. É mediante isso, que conseguimos agrupar no nosso Kit, 30 religiões distintas na região metropolitana do Recife. No entanto, deixamos claro, que esse número é muito inferior à quantidade de religiões existentes no lugar mencionado. E que a escolha das denominações religiosas, não presume superioridade

sobre as não escaladas. Mas, apenas uma tentativa de seleção de designações religiosas, dispares em seu conteúdo, e com disponibilidade para atender o Fórum Inter-religioso.

## Bibliografia

ADRIANI, Maurilio. **História das religiões**. Lisboa: Edições 70, 1988.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas**, volume I: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

\_\_\_\_\_. **História das crenças e das idéias religiosas**, Tomo II, de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. volume I, das religiões da China antiga à síntese hinduísta. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. **Dicionário das religiões**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

EISLER, Riane. **O Cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo (org). **As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas, e outros povos cultuavam seus deuses**. São Paulo: Contexto, 2009.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

KUNG, Hans. **Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns**. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

LEROI-GOURHAN, André. **As religiões da pré-história**. Lisboa: Edições 70, 2007.

O'DONNELL, Kevin. **Conhecendo as religiões do mundo**. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

SAUNDERS, Nicholas J. **Américas Antigas: as grandes civilizações**. São Paulo: Madras, 2005.

SCARPI, Paolo. **Politeísmos: as religiões do mundo antigo**. São Paulo: Hedra, 2004.

VALETT, Odon. **Uma outra história das religiões**. São Paulo: Globo, 2002.

ZILLES, Urbano. **Religião: crenças e credices**. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.